

## CLUBE DE LITERATURA E MATEMÁTICA ONLINE: TRÊS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

### ONLINE LITERATURE AND MATH CLUB: THREE CHRONICLES BY CLARICE LISPECTOR

### CLUB ONLINE DE LITERATURA Y MATEMÁTICAS: TRES CRÓNICAS DE CLARICE LISPECTOR

Alessandra Heckler Stachelski\*  

Andréia Dalcin\*\*  

#### RESUMO

O artigo apresenta o Clube de Literatura e Matemática, uma ação de extensão online, que integrou a pesquisa de mestrado “Clube de Literatura e Matemática como espaço de diálogo e formação docente”, e analisa os diálogos produzidos pelos professores participantes da pesquisa sobre a leitura de três crônicas de Clarice Lispector, uma das mais influentes escritoras brasileiras. Uma das atividades do Clube de Literatura e Matemática foi a leitura e discussão das crônicas: “Carta ao Ministro da Educação” (1968), “Você é um número” (1971) e “Perdão, Explicação e Mansidão” (1971). As crônicas, que apresentam indicativos sobre o modo como Clarice percebia a Matemática e a Educação, possibilitam reflexões pertinentes sobre o contexto educacional e social do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 no Brasil. Das discussões entre os participantes emergiram aproximações entre literatura e matemática que evidenciam possíveis contribuições da literatura e do contexto histórico de produção das crônicas para a formação de professores à medida que problematizam a neutralidade da matemática e poetizam a matemática.

**Palavras-chave:** Literatura e Matemática. Educação Matemática. História. Formação de Professores.

#### ABSTRACT

The article presents the Literature and Mathematics Club, an online extension activity, which was part of the master's research “Literature and Mathematics Club as a space for dialogue and teacher formation”, and analyzes the dialogues produced by the teachers participating in the research on the reading of three chronicles by Clarice Lispector, one of the most influential Brazilian writers. One of the activities of the Literature and Mathematics Club was the reading and discussion of the chronicles: “Letter to the Minister of Education” (1968), “You are a number” (1971) and “Forgiveness, Explanation and Meekness” (1971). The chronicles, which are indicative of the way Clarice perceived mathematics and education, provide pertinent reflections on the educational and social context of the late 1960s and

\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEMAT) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Antonio de Carvalho, 2500, Ap 416, Bloco D, Bairro Jardim Carvalho, Porto Alegre, RS, Brasil, CEP: 91430-000. E-mail: [alessandra.hs@live.com](mailto:alessandra.hs@live.com).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Castro Alves, 526, Bairro Niterói, Canoas, RS, Brasil, CEP: 92110430 E-mail: [andreia.dalcin@ufrgs.br](mailto:andreia.dalcin@ufrgs.br).

early 1970s in Brazil. From the discussions between the participants approximations between literature and mathematics emerged, highlighting the possible contributions of literature and the historical context in which the chronicles were produced to teacher training as they problematize the neutrality of mathematics and poeticize it.

**Keywords:** Literature and Mathematics. Education Mathematics. History. Teacher training.

## RESUMEN

El artículo presenta el Club de Literatura y Matemáticas, una actividad de divulgación en línea que formó parte del proyecto de investigación de maestría “Club de Literatura y Matemáticas como espacio de diálogo y formación de profesores”, y analiza los diálogos producidos por los profesores participantes en la investigación sobre la lectura de tres crónicas de Clarice Lispector, una de las escritoras brasileñas más influyentes. Una de las actividades del Club de Literatura y Matemáticas fue la lectura y discusión de las crónicas: “Carta al Ministro de Educación” (1968), “Usted es un número” (1971) y “Perdón, explicación y mansedumbre” (1971). Las crónicas, que son indicativas de la forma en que Clarice percibía las matemáticas y la educación, aportan reflexiones pertinentes sobre el contexto educativo y social de finales de los años 1960 y principios de los 1970 en Brasil. De las discusiones entre los participantes surgieron acercamientos entre literatura y matemáticas, destacando las posibles contribuciones de la literatura y del contexto histórico en que se produjeron las crónicas a la formación de profesores, en la medida en que problematizan la neutralidad de las matemáticas y poetizan las matemáticas.

**Palabras clave:** Literatura y matemáticas. Educación Matemática. Historia. Formación del professorado.

## 1 INTRODUÇÃO

Explico por que quero tomar lições de Matemática. É que tudo é tão insolúvel. Então procurei encontrar um meio de achar soluções. Juro que preciso de soluções (LISPECTOR, 1971a, p. 2).

Clarice Lispector (1920-1977) está entre uma das escritoras mais influentes e lidas do Brasil. Autora de “A Hora da Estrela” (1977), “Laços de Família” (1960) e “A Paixão Segundo G.H.” (1964), Clarice também foi colunista no Jornal do Brasil, de 1967 até 1973, onde publicou a grande maioria de suas crônicas. Foi uma mulher de origem judaica, que veio da Ucrânia junto de sua família para o Brasil em 1922. Emigram da Ucrânia para a América do Sul, fugindo da crescente perseguição e ataques aos judeus, recorrentes desde a Rússia Czarista e cada vez mais frequentes e violentas devido às guerras civis russa e ucraniana desencadeadas pela Revolução Bolchevique de 1917. Nascida em 1920, Clarice passou parte de sua infância na cidade de Recife, em Pernambuco, mas residiu por muito tempo também na cidade do Rio de Janeiro, convivendo com a burguesia local, artistas e pessoas influentes da sociedade brasileira da época.

Em sua existência conviveu com a ditadura civil-militar após o golpe de 1964 e suas posições demarcadas pela perseguição a artistas, estudantes e intelectuais, um período caracterizado por um clima de medo e terror. Muitos foram presos, patrulhados e assassinados, após a promulgação do Ato Institucional número 5, o AI-5, e daquilo que ficou conhecido como patrulhamento ideológico. Clarice Lispector não parecia estar alienada a esse contexto. Para Silva e Carvalho (2020, p. 112):

a partir da narrativa de Clarice Lispector, é possível inferir que a autora não era politicamente alienada nem defendia a ditadura. Ao contrário, Clarice Lispector, como ela mesma chegou a afirmar, era “engajada”. Sobre isso, observemos uma fala da autora, transcrita por Chiappinni (2004) no artigo “Clarice e a crítica: por uma perspectiva integradora”. Diz ela: “... na verdade, sinto-me engajada. Tudo que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos”.

Durante o governo de Artur da Costa e Silva (1967-1969), a autora participou da conhecida “Passeata dos Cem Mil”, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, uma manifestação contra a ditadura militar, organizada pelo movimento estudantil. Chegou a aparecer em fotografia e foi citada na manchete principal do jornal Última Hora, na edição de mesma data da manifestação<sup>1</sup> (Figura 1). Também foi citada no “Jornal do Brasil”, em 22 de fevereiro de 1968, como uma dentre os 49 intelectuais que assinaram um telegrama endereçado ao presidente da época, Artur da Costa e Silva, lembrando as promessas do então ministro da justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, sobre a reformulação da legislação da censura e solicitando que o presidente assinasse o decreto para “atender as reivindicações dos vários setores artísticos”, como escrito na carta<sup>2</sup>.

---

1 O documento está em domínio público e pode ser acessado pelo seguinte link: [http://atom.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/r/sao-paulo-estado-arquivo-publico-do-estado-de-sao-paulo-apesp/a/f/4/af448a5969cf9cfeaf409272af25bfa55f5859688f6b42c59725549f67df86c3/BR\\_SPAPESP\\_ULTMH\\_ORA\\_F001\\_G002\\_S004\\_B001\\_19680626\\_E002\\_BIB\\_IMP.pdf](http://atom.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/r/sao-paulo-estado-arquivo-publico-do-estado-de-sao-paulo-apesp/a/f/4/af448a5969cf9cfeaf409272af25bfa55f5859688f6b42c59725549f67df86c3/BR_SPAPESP_ULTMH_ORA_F001_G002_S004_B001_19680626_E002_BIB_IMP.pdf)

2 Esta carta foi transcrita, bem como todas as assinaturas, na página 14 do 1º caderno da edição do dia 22 de fevereiro de 1968 do Jornal do Brasil, que pode ser acessada pelo seguinte link: [https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=111674](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=111674)

Figura 1 – Clarice (à direita) na “Passeata dos cem mil”.



Fonte: Jornal Última Hora, 26 de junho de 1968.

A narrativa de Clarice Lispector é permeada por aspectos sociais e políticos, sendo alguns de forma evidente e outros de modo mais discreto, mas não menos contundentes. Nosso interesse, nesse momento, é buscar indicativos em suas crônicas que sinalizem para o modo como Clarice Lispector compreende a educação e a matemática, com o intuito de estabelecer diálogos entre a literatura e a matemática que possam contribuir com a formação de professores.

Nessa perspectiva, nesse artigo nos propomos a apresentar e analisar os diálogos que emergiram do estudo, acerca de três crônicas da Clarice Lispector, ocorrido em um dos encontros que integrou a ação de extensão Clube de Literatura e Matemática, por meio do qual foram produzidos os dados para a pesquisa de mestrado *Clube de Literatura e Matemática como espaço de diálogo e formação docente* (STACHELSKI, 2023), desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da UFRGS.

## 2 O CLUBE DE LITERATURA E MATEMÁTICA

O personagem **leitor** é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor (LISPECTOR, 1968b, p. 2, grifo das autoras).

A pesquisa *Clube de literatura e matemática como espaço de diálogo e formação docente* teve como questão orientadora “que diálogos emergem da participação de professores e licenciandos em um Clube de Literatura e Matemática?” A partir desta pergunta, foi traçado como objetivo central: analisar os diálogos que emergiram nos encontros do Clube de Literatura e Matemática e, a partir desses, explorar possíveis contribuições do Clube para a formação de professores. É importante enfatizar que, nessa pesquisa, entendemos literatura e matemática como produtos culturais (daí a opção por letras iniciais minúsculas), não limitadas a serem apenas conhecimentos específicos e acadêmicos, dado que estão presentes no cotidiano de todos nós (seres sociais e históricos) e são expressas social e culturalmente das mais diversas formas (STACHELSKI, 2023).

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP)<sup>3</sup> e, para a produção de dados da pesquisa, foi elaborada uma ação de extensão que denominamos de “Clube de Literatura e Matemática”. Dessa ação participaram 15 pessoas, dentre as quais havia professores e licenciandos de Matemática, uma docente e uma bacharelada da área de Letras, e um professor de Física.

A divulgação da ação de extensão foi feita por meio das redes sociais e e-mails, utilizando cartazes digitais contendo as principais informações da ação. Foram desenvolvidos oito encontros, no formato online, com duas horas de duração cada, seguindo o cronograma do Quadro 1.

**Quadro 1** – Cronograma do Clube de Literatura e Matemática.

Encontros	Tópicos abordados	Data e horário dos encontros síncronos
1	Apresentação dos participantes. Leitura e discussão sobre o conto de Isaac Asimov: “The Fun They Had <sup>4</sup> ”	27/10/22 — 19h às 21h
2	Estudo acerca de três crônicas da Clarice Lispector	03/11/22 — 19h às 21h
3	Conversa com o Prof. Rafael Montoito sobre categorias e entrelugares de Matemática e Literatura	10/11/22 — 19h às 21h
4	O universo de Sherlock Holmes, do autor Arthur Conan Doyle: pensando atividades	17/11/22 — 19h às 21h
5	Sarau de poemas e poesias matemáticos	24/11/22 — 19h às 21h
6	Conversa com a Prof <sup>a</sup> Andréia Dalcin sobre Literatura de cordel e História da Matemática	01/12/22 — 19h às 21h
7	Romances distópicos: uma lista incompleta!	08/12/22 — 19h às 21h
8	Finalização do curso. Apresentação das atividades realizadas pelos participantes.	15/12/22 — 19h às 21h

Fonte: Stachelski (2023)

3 A pesquisa pode ser encontrada pelo sistema de busca da Plataforma Brasil (<https://plataformabrasil.saude.gov.br/>). A numeração gerada para identificar o projeto de pesquisa é o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 58783322.7.0000.5347

<sup>4</sup> O conto “The Fun They Had” – A diversão que tiveram – de Isaac Asimov, foi extraído do livro “Earth Is Room Enough” (1957). A tradução para o Português foi feita pela mestrandia.

Para manter o anonimato dos participantes, ao final da atividade de extensão foi solicitado que escolhessem um nome a ser usado no texto da pesquisa. A única condição era de que o nome escolhido deveria se referir a um/uma personagem de algum livro de seu agrado. Como nem todos os participantes responderam a este pedido, alguns personagens foram escolhidos pelas autoras como forma de nomeá-los. O Quadro 2 apresenta o nome e as características de cada participante da pesquisa.

**Quadro 2** – Relação entre os personagens-participantes e suas características.

Personagem	Livro (autor/es)	Características do participante
Anathema Device	Belas Maldições (Neil Gaiman e Terry Pratchett)	Professora de Matemática, atuando há 18 anos. Tem muito gosto pela literatura fantástica, intimista, ficção científica, quadrinhos e teatro.
Anthony J. Crowley	Belas Maldições (Neil Gaiman e Terry Pratchett)	Bacharelanda em Letras, não possui experiência como professora. Suas preferências literárias são suspense, <i>dark fantasy</i> e realismo mágico.
Beremiz Samir	O Homem que Calculava (Malba Tahan)	Licencianda em Matemática, não possui experiência como professora. O livro que mais admira é “O Homem que Calculava”.
Capitu	Dom Casmurro (Machado de Assis)	Professora de Matemática, atuando há 17 anos. Sua preferência literária se baseia nos clássicos da literatura brasileira.
Clarissa	Clarissa (Érico Veríssimo)	Docente há 18 anos, possui mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. É pesquisadora de literatura brasileira e possui experiência com as obras de Clarice Lispector e Fernando Pessoa.
Duncan	O Cavaleiro dos Sete Reinos (George R. R. Martin)	Professor de Física, atua há um ano. Possui preferência literária em fantasia medieval e livros que falam sobre ciência.
Gabriela	Gabriela, Cravo e Canela (Jorge Amado)	Licencianda em Matemática, não possui experiência como professora. Possui um gosto eclético, mas tem preferência pela literatura brasileira (como Aluísio Azevedo e Machado de Assis).
Hermione Granger	Harry Potter (J. K. Rowling)	Professora de Matemática, atua há 5 anos. Tem lido textos acadêmicos com foco principal em autismo devido a questões profissionais, mas tem preferência por livros de romances de desenvolvimento pessoal.
Peter Blankman	Alva Lebre, Lobo Avermelhado (Tom Pollock)	Professora de Matemática, atua há 20 anos. Suas preferências literárias se resumem à ficção e romance.
João Grilo	Auto da Compadecida (Ariano Suassuna) <sup>5</sup>	Professor de Matemática, atua há 7 anos. Prefere ler contos, crônicas e cordéis.
Jonas	Um Milhão de Finais Felizes (Vitor Martins)	Licenciando em Matemática, atuando como professor há 10 meses. Suas preferências literárias são romances, crônicas e ficção científica.
Inspetor Lestrade	Um Estudo em Vermelho (Arthur Conan Doyle)	Professora de Matemática, atua há 6 anos. Não possui preferências literárias.
Melquíades	Cem Anos de Solidão	Professor de Matemática, atua há 8 anos. Suas preferências

<sup>5</sup> João Grilo é um personagem que surgiu a partir de contos populares portugueses, os quais foram reproduzidos e reformulados pela cultura brasileira. O personagem teve sua primeira aparição na literatura de cordel com “Palhaçadas de João Grilo”, escrito por João Ferreira de Lima, em 1932. Entretanto, ganhou maior notoriedade a partir da obra de Ariano Suassuna, “Auto da Compadecida”, escrita em 1957, e que em 1999 foi reproduzida no formato de minissérie televisiva.

	(Gabriel García Márquez)	literárias se baseiam em ficção especulativa e teoria do roteiro, tendo acompanhado movimentos como <i>solarpunk</i> e afrofuturismo.
Quadrado A	Planolândia: Um romance de muitas dimensões (Edwin Abbott Abbott)	Licenciando em Matemática, já atua como professor há 3 anos. O que lhe chama a atenção em um livro é a capacidade de um personagem pensar “fora da caixa” em relação aos outros.
Robert Langdon	O Código da Vinci (Dan Brown)	Professora de Matemática, atua há 18 anos. Dentre seus livros preferidos estão “O Quinze”, de Rachel de Queiroz; “O Grande Mentecapto”, de Fernando Sabino; “O Mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder, e muitos outros dos autores Érico Veríssimo, Machado de Assis e José de Alencar.

Fonte: Stachelski (2023).

O Clube de Literatura e Matemática pode ser concebido como um círculo de leitura semiestruturado (COSSON, 2022), no qual o tema central para a discussão eram as possíveis conexões entre matemática e literatura. Uma das principais dinâmicas que ocorreram nos encontros foi a leitura conjunta, em voz alta. O participante Melquíades manifestou sua opinião sobre esta dinâmica no Encontro 2, dizendo:

*Eu acho bacana isso de ler junto por dois motivos: um, porque nem sempre a gente consegue ler tudo... Ou às vezes, assim, por exemplo, eu li os dois primeiros [crônicas], o terceiro eu li, [mas] eu não fiz muitos comentários. Então eu vou visitar de novo. Porque eu li quando eu saí do computador, fui ler fora e não tinha como anotar. De qualquer forma, pra quem já leu, às vezes tu ouvindo uma pessoa lendo... nota coisas que no momento não tinha percebido, né? Então eu acho bacana isso. Se a gente puder fazer isso vai ser bem bacana pra todos... quando der né. E outra coisa: ler uma coisa difícil quando convive no nosso exercício profissional, por exemplo, exige pouca leitura estruturada, né? Então, às vezes é bacana tu ter um grupo de pessoas que leem juntos, porque tu se obriga a ir pra outros campos, né? (Diálogo entre Melquíades e participantes, 2022).*

As análises dos diálogos produzidos ao longo dos encontros do Clube de Literatura e Matemática evidenciaram que o Clube se constituiu como um espaço de compartilhamento de ideias e de produções pedagógicas realizadas pelos participantes e pensadas a partir da literatura (seja dos textos indicados ou de leituras anteriores). Um espaço que possibilitou uma

relação dialógica enquanto relação entre sujeitos que se dão à comunicação e a intercomunicação, entre sujeitos refratários à burocratização de sua mente, abertos sempre à possibilidade de conhecer e de mais conhecer, é absolutamente indispensável ao processo de conhecimento (FREIRE, 2015a, p. 131).

Nessa perspectiva, houve diálogos que permearam as mais diversas leituras, tanto as indicadas nos encontros quanto muitas outras trazidas a partir de experiências literárias dos participantes, mas que atravessaram os mais variados e conectados assuntos, como a matemática, educação, política e história.

### **3 AS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR: diálogos entre literatura, história e matemática**

[...] Mas, H. M., como você me fez sentir útil ao dizer-me que sua capacidade intensa de amar ainda se fortaleceu mais. Então eu dei isso a você? Muito obrigada. Obrigada também pela adolescente que já fui e que desejava ser útil às pessoas, ao Brasil, à humanidade, e nem se encabulava de usar para si mesma palavras tão imponentes (LISPECTOR, 1968b, p. 2).

Três crônicas escritas por Clarice Lispector foram disponibilizadas previamente para leitura e propostas para discussão no segundo encontro do Clube de Literatura e Matemática. A dinâmica planejada para o encontro foi a leitura conjunta e voluntária, em voz alta, das três crônicas em sequência, seguida de uma discussão a partir de algumas questões orientadoras.

A leitura ficou distribuída da seguinte forma: “Carta ao Ministro da Educação”, publicada em 17 de fevereiro de 1968 no *Jornal do Brasil* — leitura feita pelo participante Duncan; “Você é um número”, publicada em 7 de agosto de 1971 no *Jornal do Brasil* — leitura feita pela participante Clarissa e “Perdão, explicação e mansidão”, publicada em 21 de agosto de 1971 no *Jornal do Brasil* — leitura feita pelo participante Melquíades.

A partir de um acervo digital<sup>6</sup>, foi possível encontrar as crônicas por meio das edições de sábado digitalizadas do *Jornal do Brasil*. As versões originais das crônicas podem ser vistas nas Figuras 2, 3 e 4, postas em ordem cronológica de publicação.

---

6 O acervo digital é intitulado “Hemeroteca Digital Brasileira” e pode ser acessado via o seguinte link: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

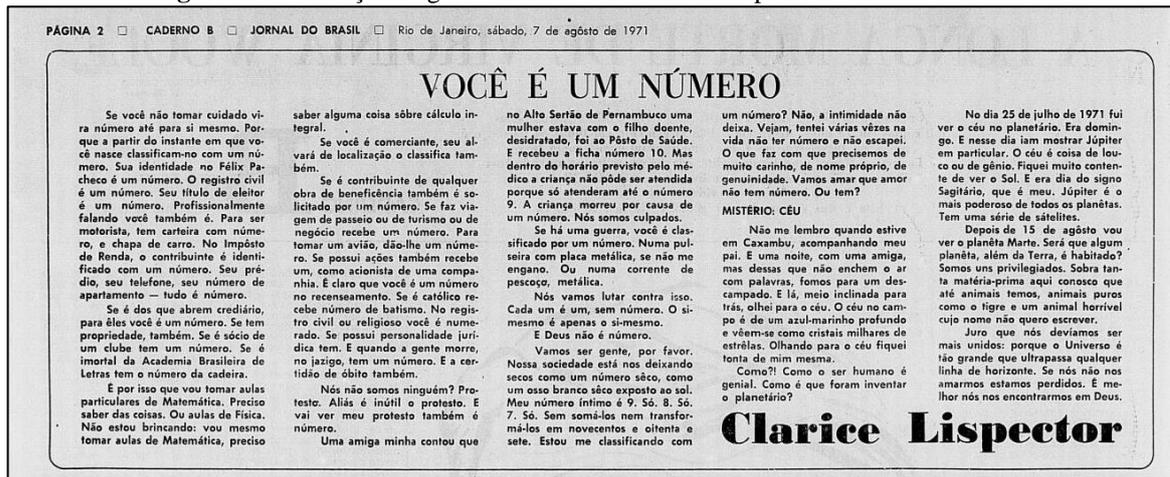
Figura 2 – Publicação original de crônica de Clarice Lispector no Jornal do Brasil.



Fonte: Fonte: Jornal do Brasil (Hemeroteca Digital Brasileira). Link:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=clarice%20lispector&pagfis=111444](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=clarice%20lispector&pagfis=111444)

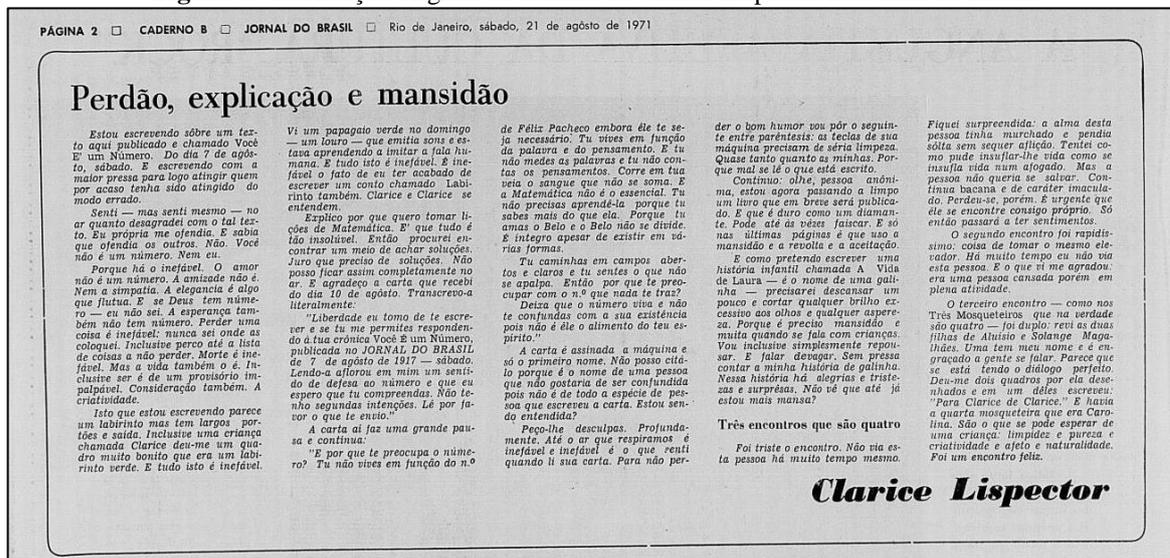
Figura 3 - Publicação original de crônica de Clarice Lispector no Jornal do Brasil.



Fonte: Fonte: Jornal do Brasil (Hemeroteca Digital Brasileira). Link:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=215708](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=215708)

Figura 4 - Publicação original de crônica de Clarice Lispector no Jornal do Brasil.



Fonte: Fonte: Jornal do Brasil (Hemeroteca Digital Brasileira). Link:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=216784](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=216784)

Após a leitura das crônicas em voz alta, foi aberto espaço para o início das discussões. Para isso, as seguintes questões foram apresentadas aos participantes: Que perguntas/questões surgiram pela leitura das crônicas? Que matemática é essa que aparece nas crônicas? Noção de número... como pensar sobre isso? O que as crônicas te falam sobre isso?

A partir de “Você é um número” e “Perdão, explicação e mansidão”, Capitu iniciou a discussão relatando que sentiu a escrita de Clarice Lispector muito dúbia,

*tendo vários pontos de vista sobre a mesma coisa. [...] A gente automaticamente tem esse pensamento matemático a respeito das coisas e parece que tudo é muito doido, assim, né. Assim como ela pensa no número de uma forma fria, daqui a pouco ela humaniza. [...] Então faz a gente pensar que nenhuma das duas coisas ali é mentira, mas ficou estranho, né (Diálogo entre Capitu e participantes, 2022).*

No mesmo sentido, Clarissa apontou que é possível identificar, na escrita de Clarice, que os períodos são curtos, principalmente na crônica “Você é um número”, o que a fez pensar sobre a possibilidade de haver “*um propósito para esses períodos curtos, que é justamente para dar uma certa frieza, né?*” (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022). A continuação da fala de Clarissa dá a entender que essa frieza seria uma estratégia da escritora, por estar falando de matemática, de número, que no senso comum é considerada uma ciência neutra, dura, isenta de ideologias.

Como exemplos dessa escrita destacamos:

Se você não tomar cuidado vira número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Seu título de eleitor é um número. Profissionalmente falando você também é. Para ser motorista tem carteira com número, e chapa de carro. No Imposto de Renda, o contribuinte é identificado com um número. Seu prédio, seu telefone, seu número de apartamento — tudo é número. (LISPECTOR, 1971a, p. 2)

Os escritos de Clarice Lispector trazem diferentes questões para o debate. A participante Clarissa compartilhou sua experiência em se aventurar, como professora da área da linguagem, na área da matemática.

*Esse “Você é um número”, eu sempre fiquei querendo escrever uma coisa sobre esse texto. E quando eu comecei a entrar, de forma muito incipiente na matemática, até escrevi no meu formulário [de inscrição], que assim... Que eu sabia matemática para sobreviver no cotidiano, né. Só que quando eu fui fazer a escrita do currículo, e eu fui conviver com as áreas, com os outros professores de outras áreas, eu fui percebendo algo que era muito próximo de mim. Que eu podia também atravessar esse caminho aí. Então quando eu li agora esse conto “Você é um número”, eu fiquei pensando, antes de ler o outro conto que eu não conhecia de fato, a crônica... Ai eu fiquei pensando: eu sempre tive vontade de falar, de questionar essa frieza com que ela trata o número. Eu não sou da matemática! [...] A gente fala na literatura: trabalhar a literariedade do texto. Então é poetizar a matemática, né (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022).*

A colocação de Clarissa e de outros participantes gerou um efeito interessante, uma certa defesa à matemática, problematizando o modo como a matemática é utilizada no meio social, como ferramenta para reduzir as pessoas a um número, tirando-as do seu contexto de vida e negando-lhes a individualidade, o valor, a subjetividade que cada ser carrega por meio de suas

vivências e necessidades. É o caso da fala de Hermione, que problematizou os números da pandemia e como foram apresentados na mídia e nas redes sociais.

*[...] quando a gente lê uma notícia, ouve uma notícia que traz muito as informações nos números, traz as informações de uma forma muito fria... Eu lembrei de quando a gente olha na internet a rede social. A relação da quantidade de pessoas que faleceram por conta da COVID, relacionando com multidões em eventos. Às vezes ia ouvindo o número sem perceber a quantidade de pessoas e o quanto é imenso aquele número, porque é só um milhão e não sei quantas pessoas, mas aí quando se relaciona com essas situações a gente percebe e deixa essa frieza de lado né. [...]. É daí essa coisa da matemática ser exata, ser fria, né? (Diálogo entre Hermione e participantes, 2022).*

O movimento que Clarice faz por entre as duas crônicas “Você é um número” e “Perdão, explicação e mansidão” se repete no diálogo dos participantes. Em alguns momentos questionam como a sociedade trata as pessoas e como a matemática pode estar a serviço dessa lógica burocrática e insensível, a exemplo da situação vivenciada por Capitu durante a pandemia, que muito se aproxima do episódio narrado por Clarice Lispector na crônica “Você é um número”.

*[...] quando abriu a vacinação da covid aqui, eu tenho duas crianças e daí eu fui fazer a vacina no posto e foi tão... Pra não dizer trágico. Chegamos lá, eu pensei “ah vai ter uma fila enorme e tal né, vamos esperar, fazer o quê?” Eu esperei a tarde inteira e quando chegou a vez das minhas crianças eles vieram e falaram assim: não, não vamos poder fazer a vacina porque eu só posso abrir se tiver dez pessoas e só tinha nove. Então todos foram mandados embora. “Tem que voltar outro dia porque eu não posso abrir o frasco porque são dez [doses de vacina]. Então eu não posso botar uma fora. Ok?” Então não há exceção, entende? Eu acho que é nesse sentido que ela [Clarice] estava colocando. Porque ali ela estava falando de saúde, né? Atenderam até o nove, e o dez morreu (Diálogo entre Capitu e participantes, 2022).*

Em outros momentos, os participantes ressaltaram a importância de se conhecer e estudar a matemática como forma de melhor conhecer o mundo, e pareciam concordar com Lispector: “É por isso que vou tomar aulas particulares de Matemática. Preciso saber das coisas. Ou aulas de Física. Não estou brincando: vou mesmo tomar aulas de Matemática, preciso saber alguma coisa sobre Cálculo Diferencial e Integral” (LISPECTOR, 1971a, p. 2). Ou seja, a ciência Matemática é importante, tem algo com que contribuir, mesmo que não se tenha clareza do que seja, como coloca o participante Melquíades:

*Uma angústia de querer entender como é que o mundo funciona por meio de alguma coisa que faça sentido. [...], dá pra ver uma certa angústia pelo menos de como esse mundo ordeiro funciona, que ele tem que ter, que ele funciona, então ele deve ser ordeiro, sabe? Então, qual é a regra, qual é o comando? (Diálogo entre Melquíades e participantes, 2022).*

Nesse sentido, parece haver uma ordem no mundo, algo que dê sentido e que pode ser explicado supostamente pela Matemática. Retomando epígrafe desse artigo, Clarice Lispector justifica: “Explico por que quero tomar lições de Matemática. É que tudo é tão insolúvel. Então procurei encontrar um meio de achar soluções. Juro que preciso de soluções. Não posso ficar assim completamente no ar” (LISPECTOR, 1971b, p. 2). Esse modo de perceber a matemática, como provedora de soluções, com um tipo de beleza específica, beirando o platonismo, pode estar relacionado ao relato da participante Anathema.

*[...] Mas ela [Clarice] traz sempre essa noção de estudar matemática entendendo que a matemática é mais que um número. Entendendo inclusive a beleza da matemática. E isso tem muito a ver com o contexto cultural da época dela lá no Rio de Janeiro. Ela era judia e a comunidade judaica lá em Copacabana, Leblon, que era onde ela morava, era um grupo, né? Um grupo de intelectuais, de artistas, cientistas, escritores e intelectuais, etc. E ela tinha muita amizade com um matemático muito importante que é o Leopoldo Nachbin<sup>7</sup> que foi um dos criadores ali do IMPA. Então assim, o cara era muito bom e ela tinha essa amizade com ele pela cultura judaica, mesmo. Mas nessas conversas da matemática, ela entendia que existia uma beleza na matemática que ia muito além de número. Matemática não era número. Então ela faz essas referências de aprender cálculo integral. Da onde que alguém sabe o que que é cálculo integral nos anos setenta em uma crônica do jornal? (Diálogo entre Anathema e participantes, 2022).*

A amizade com Leopoldo Nachbin é narrada por Clarice na crônica “As Grandes Punições” (publicada originalmente em 1967), na qual lembra que conheceu Leopoldo no primeiro dia de aula do Jardim de Infância do Grupo Escolar João Barbalho, na Rua Formosa, no Recife. “No dia seguinte já éramos os dois impossíveis da turma” (LISPECTOR, 1967, p. 2). Tiravam boas notas, menos em comportamento. Sobre Nachbin, Clarice Lispector (1967, p. 2) comenta: “Eu soube que no primeiro ano de engenharia resolveu um dos teoremas considerados insolúveis desde a mais alta Antiguidade. E que imediatamente foi chamado à Sorbonne para explicar o processo. É um dos maiores matemáticos que hoje existem no mundo”.

É bom lembrar que enquanto Clarice Lispector escrevia colunas para jornal no período da ditadura militar brasileira, o Movimento da Matemática Moderna (MMM) ganhava cada vez mais espaço na imprensa, nas escolas e universidades, conferindo à disciplina Matemática um amplo reconhecimento social e uma associação aos ideários de modernidade, progresso e desenvolvimento tecnológico e científico. Segundo os estudos de Nakashima (2007), a imprensa escrita apoiou o MMM e atribui isso ao

---

7 Leopoldo Nachbin nasceu em Recife, em 7 de janeiro de 1922, e faleceu no dia 03 de abril de 1993, no Rio de Janeiro. É considerado um dos mais representativos matemáticos brasileiros. Foi membro fundador do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

estreito relacionamento dos protagonistas do Movimento com as autoridades do governo; a neutralidade da disciplina Matemática perante a censura; a amizade do professor Osvaldo Sangiorgi com o professor José Reis; o ensino de Ciências e Matemática considerado pelos governantes atividades ligadas ao desenvolvimento cultural e econômico, bem como válvula de escape para minimizar o autoritarismo; e a utilização dos temas da Matemática como forma de preencher as lacunas deixadas pelos textos censurados nos jornais são os motivos que concorrem para justificar o apoio dado pelos jornais à divulgação do MMM. (NAKASHIMA, 2007, p. 142-143)

Logo, aprender Matemática, e Cálculo Diferencial e Integral, nos anos 1960 e início dos anos 1970, não parece ser algo tão estranho, como suposto por Anathema, ao menos entre o público que lia os jornais da época.

No entanto, tanto as crônicas de Clarice Lispector como os participantes evidenciaram que nem tudo pode ser explicado ou compreendido pelo viés matemático, puramente lógico. O diálogo entre os participantes e destes com as crônicas adentra a ideia de inefável, expressa na crônica “Perdão, explicação e mansidão”. Inefável como aquilo que não pode ser descrito com números. O amor, a amizade, a simpatia, a elegância, a morte e a vida, a criatividade e, por que não, Deus?! Clarice complementa seu pedido de perdão aos leitores trazendo uma carta que recebeu de um leitor em resposta à crônica “Você é um número”, que desloca a discussão, tirando o número da centralidade e trazendo a palavra e o pensamento como foco. Clarice transcreve a carta:

Tu vives em função da palavra e do pensamento. E tu não medes as palavras e tu não contas os pensamentos. Corre em tua veia o sangue que não se soma. E a Matemática não é o essencial. Tu não precisas aprendê-la porque tu sabes mais do que ela. Porque tu amas o Belo e o Belo não se divide. É íntegro apesar de existir em várias formas. (LISPECTOR, 1971b, p. 2)

A construção da carta – e das crônicas –, de certo modo, aproximam número e palavra, atrelando-os à condição da existência humana, mantendo suas diferenças: “tu não medes as palavras e tu não contas os pensamentos”. Número e palavra só têm sentido no contexto do humano, não existindo fora dele. Através do jogo de palavras e significados possíveis, Clarice Lispector situa a ideia de número em diferentes contextos e, assim, ao poetizar o número, poetiza a matemática.

Poetizar a matemática – talvez seja essa uma das ideias principais que o grupo de professores, participantes do Clube de Literatura e Matemática, desenvolveu ao longo dos encontros e que emerge inicialmente da leitura coletiva das crônicas de Clarice Lispector. Esse

movimento de poetizar a matemática não se descola do cotidiano da vida e da existência mundana. Para a participante da pesquisa identificada como Clarissa,

*A Clarice tem algo muito interessante, que eu digo assim, não me digo estudiosa, porque eu acho que ela está muito mais na minha vida pessoal do que na acadêmica. Acho que atravessa um pouco isso, [...] dessa identificação da Clarice com o cotidiano, né. A gente quando lê uma obra dela [...] acaba se identificando nessas personagens. Justamente por ela ter essa linha... Uma linha temática que parte da ideia da existência mesmo, de tratar a existência. E a gente tem aqui [...] um dos maiores estudiosos dela que foi o Benedito Nunes, o filósofo Benedito Nunes. E ele traça a obra dela a partir dessa temática da existência. Talvez por isso ela nos toque (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022).*

Clarice Lispector, em suas crônicas, aborda questões do cotidiano, da vida, de modo profundo e, ao mesmo tempo, com uma linguagem direta, simples. Ela “não necessariamente transcreve seu cotidiano, mas usa a verossimilhança em lugar da veracidade, explorando a liberdade que a crônica lhe concede” (JATOBÁ, 2013, p. 21). Ficção e realidade coexistem, nem sempre sendo possível identificar uma e outra. Nessa perceptiva, Clarissa traz um apontamento que gera uma discussão inusitada.

*Não sei se ela recebeu mesmo essa carta, porque a Clarice, ela tinha umas... umas ondinhas assim, então... Não sei se de fato ela recebeu essa carta, ou se ela, após essa escrita... Eu não conhecia o segundo texto [crônica “Perdão, explicação e mansidão”], eu achei legal, porque assim... [...] (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022).*

Clarice poderia ter inventado o fato de ter recebido uma carta, que questionava seu modo de apresentar e relacionar números e pessoas? “Perdão, explicação e mansidão” teria sido um movimento interno de reflexão e pedido de perdão por ter percebido a própria frieza na escrita de “Você é um número”, e a dureza dos argumentos que apresentam o número de forma tão negativa? Não há como saber! Pois “existe aí uma oposição entre a profundidade dos sentimentos, inexprimível, e a brevidade da escrita de um gênero como a crônica, que diz muito a partir da exploração de fatos que compõem a rotina do cronista, mas tem seus limites e só nos permite conhecê-lo até certo ponto.” (JATOBÁ, 2013, p. 48).

Algo que a participante Clarissa compartilhou também com o grupo ao dizer que

*[...] a crônica, ela tem mais da Clarice, né? Ela tem mais da Clarice do que os contos porque o conto ele é uma ficção [...]. Mas a gente sabe que o teor de uma crônica... é mais forte a verossimilhança na crônica, o que é de real é mais forte. É uma crônica de jornal também, mas é diferente do conto porque no conto ela já vai tratar mesmo como algo que é da ficção, né? (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022).*

Tendo recebido ou não a carta, ela se apropria da palavra de outra pessoa, usando-a como fonte (de inspiração ou de conteúdo) para transmitir o que deseja. A apropriação da fala do outro também aparece em “Carta ao Ministro da Educação”, porém nesse caso deixa clara sua intenção: “Não estou de modo algum entrando em seara alheia. Esta seara é de todos nós. E estou falando em nome de tantos que, simbolicamente, é como se o senhor chegasse à janela de seu gabinete de trabalho e visse embaixo uma multidão de rapazes e moças esperando seu veredictum.” (LISPECTOR, 1968a, p. 2).

Os autores Silva e Carvalho (2020) trazem para análise uma crônica de Clarice, anterior à carta ao ministro, intitulada originalmente “Um grama de radium – Mineirinho” (1962), na qual a escritora se mostra indignada com a banalização da violência policial ao abordar o episódio verídico em que a polícia carioca mata com treze tiros o criminoso conhecido como Mineirinho. O tom de cobrança e denúncia às instituições e entidades públicas e governamentais, por parte de Clarice, é algo notável e que permeia sua obra.

Se em “Mineirinho” a violência policial era mais localizada, em “Carta ao Ministro da Educação” percebe-se que já é de caráter nacional. Note-se que, mesmo sob a ditadura, a cronista não baixa a guarda, ao contrário, posiciona-se como cidadã e exige respostas das autoridades constituídas. (SILVA; CARVALHO, 2020, p. 117)

Esta característica é importante e interessante de ressaltar. Mesmo vivendo no contexto da ditadura civil-militar, Clarice não deixou de abordar assuntos que considerava pertinentes para a sociedade brasileira, algo que o participante do Clube de Literatura e Matemática identificado como Melquíades também percebeu:

*[...] se não me engano ela foi esposa de um diplomata. Então assim, eu tenho absoluta certeza que essa carta ao ministro, por exemplo, ela sabia muito bem os ovos que dava pra pisar, sabe assim? Exatamente por ela talvez conviver com um sujeito... Imagina, diplomacia já é uma coisa complexa, diplomacia sob uma ditadura, num país de ditadura militar, é assim, né? Muito muito doido. Eu acredito que ela sabia bem até que ponto ela podia puxar a corda sem sofrer. E exatamente por isso, por ela já ser uma escritora razoavelmente famosa e dos círculos que ela frequentava, ela também tinha um certo privilégio de poder puxar a corda um pouco mais, né? Então eu acho que isso dá pra pensar por essa perspectiva? Que ela sabia, ela tinha um pouco de noção de até onde ela podia ir (Diálogo entre Melquíades e participantes, 2022).*

A escritora também tinha plena consciência da potencialidade e do alcance que suas crônicas possuíam ao serem publicadas em grandes jornais, como afirmam Silva e Carvalho (2020), justamente pelos jornais serem os principais meios de informação da época. É sabendo que a escritora falava para um país que os autores trazem a afirmação de que “além de classificar

a ditadura de criminosos, a cronista ainda convoca os jovens para uma passeata, o que ia contra as determinações do regime de então” (SILVA; CARVALHO, 2020, p. 117).

Para deixar claro, destacamos os trechos:

Senhor ministro ou Presidente da República, impedir que jovens entrem em universidade é crime. Perdoe a violência da palavra. Mas é a palavra certa. [...] Falei com uma jovem que foi excedente, perguntei-lhe como se sentira. Respondeu que se sentira desorientada e vazia, enquanto ao seu lado rapazes e moças, ao se saberem excedentes, ali mesmo começaram a chorar. E nem poderiam sair à rua para uma passeata de protesto porque sabem que a polícia poderia espancá-los [...]. Que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças. (LISPECTOR, 1968a, p.2)

A crônica se refere a um edital publicado pelo Ministério da Educação, na época sob o comando de Tarso de Moraes Dutra, que tornava os vestibulares classificatórios — uma prática que vigora até hoje. Segundo Braghini (2014), em 1968 o número de vagas no ensino superior era cinco vezes inferior ao número de candidatos que as disputavam, gerando uma grande quantidade de “excedentes”, candidatos que obtinham a média nos vestibulares, mas não conseguiam se matricular nas escolas de nível superior, pois o número de aprovados extrapolava o número de vagas disponíveis. Tal situação “pode ser compreendida como um ponto importante dentro do que era apontado como ‘crise educacional’ que se estendeu ao longo da década de 1960 e que foi disparadora de uma série de movimentos estudantis universitários de contestação” (BRAGHINI, 2014, p. 125).

O interesse de Clarice Lispector pelo tema dos excedentes evidenciado na crônica em discussão levanta a questão do papel da literatura, em especial das crônicas, como meio de expressão e defesa dos direitos humanos. A fala de Clarissa retoma algo já comunicado por Antonio Candido.

*Que o Antonio Candido, ele fala, ele concebe a literatura como um direito humano, né? Ele diz que assim como o direito à alimentação, à moradia, à saúde, a literatura, ela deve ser um direito. A gente deve conceder e deve levar isso para a sala de aula. Então, eu acho que aqui tem muito dessa coisa, dessa literatura como a porta-voz, né? Como um protesto mesmo. Então encare — “já que eu não posso ir para rua [...], encare isso aqui como uma passeata.” É como se isso aqui fosse um protesto também. Achei bem bonito ela terminar com isso porque ela é porta-voz de moças e rapazes. Olhe lá, é como se você olhasse pela sua janela e visse. Como se ela tentasse mostrar para essas pessoas que estão numa sala fechada, quem de fato é prejudicado, né, quem de fato precisa. O valor do livro, “você sabe quanto custa um livro que o estudante compra e não usa?” Então eu achei muito forte, muito bonito e muito atual. [...] Como Antonio Candido diz: ela [a literatura] é um direito humano, então ela é um direito de todo mundo, não precisa ser só da literatura, da matemática, da história (Diálogo entre Clarissa e participantes, 2022).*

Clarissa traz a literatura como uma prática humana, como uma prática que pode ser desenvolvida por pessoas com diferentes formações e saberes e, nesse sentido, defende e valoriza o movimento vivenciado pelo grupo de participantes do Clube de Literatura e Matemática.

Do processo de leitura coletiva no Clube de Literatura e Matemática emergiram diálogos que incorporam experiências e preferências literárias pessoais dos participantes, que ao passo que foram compartilhadas se tornaram coletivas. Pode-se dizer que a opção por crônicas de Clarice Lispector inicialmente causou surpresa entre os participantes, uma vez que tal autora, no campo da Educação Matemática, é raramente referenciada. No entanto, observou-se que não é desconhecida, que vários participantes já haviam tido algum tipo de contato com seus escritos e que suas crônicas despertaram interesses, curiosidades e o desejo de continuar lendo – e, quem sabe discutindo, Clarice Lispector.

#### **4 APONTAMENTOS FINAIS**

“Não pense que escrevo aqui o meu mais íntimo segredo pois há segredos que eu não conto nem a mim mesma. E não é só o último segredo que não revelo: há muitos segredinhos primários que eu deixo que se mantenham em enigma. Entrego-me ao doce convívio da eternidade. Mas esta eu não sei se mereço.” (LISPECTOR, 2020, p. 165)

Para além do que era esperado, o Clube de Literatura e Matemática se constituiu em um espaço não apenas para se falar de livros e de experiências pedagógicas e matemática, o que já é muito. Ele se constituiu, também, como um espaço em que, a partir da literatura, se pôde dialogar sobre os aspectos da cultura, da sociedade, da política, da matemática e da educação matemática — algo que é subversivo, pois (ainda) vai de encontro ao pensamento de senso comum sobre a Matemática ser neutra, a-histórica e isenta de ideologias. Trazer as crônicas de Clarice Lispector para o Clube possibilitou trazer aspectos da história do Brasil no contexto do final dos anos 1960, a partir da perspectiva dessa cronista atenta ao seu tempo.

As crônicas de Clarice trouxeram também uma forte vinculação entre literatura e cotidiano, vida mundana e existência humana e, nesse sentido, ficou evidente a impossibilidade de falarmos de matemática, ou de literatura, ou de educação, desconectados do tempo em que os leitores vivem. Em diversos momentos, por exemplo, o impacto (na maior parte negativo) da pandemia da COVID-19 — nas aprendizagens, na saúde mental e física dos estudantes e

professores — foi citado. O ir e vir entre passado e presente é intrínseco e se manifestou nas conexões que os participantes estabeleceram ao lerem e refletirem sobre as crônicas.

Por fim, o Clube de Literatura e Matemática apresentou algumas similaridades com os Círculos de Cultura propostos por Paulo Freire (2015b) e os círculos de leitura de Cosson (2022), à medida em que coloca o diálogo no centro do processo educativo e formativo.

[...] se não funcionar como um diálogo autêntico entre seus participantes, o círculo de leitura não tem sentido em ser assim constituído. Ler, já vimos, é um diálogo que se mantém com a experiência do outro e os círculos de leitura tornam esse diálogo uma ação comunitária. É por isso também que ler é um processo, uma aprendizagem sobre a construção do mundo, do outro e de nós mesmos em permanente devenir. Ler é movimento (COSSON, 2022, p 174)

Um diálogo que coloca os participantes, todos professores, na situação de aprendizes que vivenciam um processo peculiar de formação. Como Paulo Freire (2019, p. 25) afirma: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

O Clube de Literatura e Matemática tornou-se um espaço singular de horizontalidade nos debates, nos diálogos, sendo que os participantes têm algo a dizer, a compartilhar, e estão abertos a ouvir e a aprender. Não importa quem tem mais ou menos idade, mais ou menos experiência profissional, quais títulos acadêmicos possuem. Todos pareciam sinceramente abertos ao aprendizado. Eram todos aprendizes ao mesmo passo que também eram docentes.

Clarice Lispector aborda nas três crônicas a matemática, problematizando-a, colocando-a em contextos múltiplos, ora exaltando, ora evidenciando a limitação do número (inefável), chamando atenção para a singularidade de cada estudante, de cada pessoa. Ela o faz através de uma narrativa poética, à medida que valoriza com sensibilidade o que lhe atrai o olhar como cronista, e nesse movimento poético provoca o leitor a pensar com ela, a ler com ela o cenário que apresenta, articulando realidade e ficção. De algum modo, Clarice também participou do Clube e deixou marcas nos participantes, seja por seu estilo de escrita, metáforas ou áurea misteriosa.

## REFERÊNCIAS

BRAGHINI, Mitsuko Zuquim Braghini. A história dos estudantes “excedentes” nos anos 1960: a superlotação das universidades e um “torvelinho de situações improvisadas”. **Educar em Revista**, n. 51, p. 123–144, jan. 2014. ISSN: 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602014000100009>

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2015a. Livro eletrônico.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2015b. Livro eletrônico.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz & Terra, 2019.

JATOBÁ, Vivian Resende. **Descobertas de si e do Mundo: intimidade e poética do cotidiano na crônica de Clarice Lispector**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, 2013. Disponível em:

[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15215/1/2013\\_VivianResendeJatoba.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15215/1/2013_VivianResendeJatoba.pdf) Acesso em: 28 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. As grandes punições. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1967. Caderno B, p. 2. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=106596](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=106596) Acesso em: 26 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. Carta ao Ministro da Educação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 fev. 1968a. Caderno B, p. 2. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=clarice%20lispector&pagfis=111444](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=clarice%20lispector&pagfis=111444) Acesso em: 21 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. Sentir-se Útil. Outra carta. Hermética? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1968b. Caderno B, p. 2. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=111752](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=carta%20clarice%20lispector&pagfis=111752) Acesso em: 21 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. Você é um número. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1971a. Caderno B, p. 2. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=215708](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=215708) Acesso em: 21 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. Perdão, explicação e mansidão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1971b. Caderno B, p. 2. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=216784](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=clarice%20lispector&pagfis=216784) Acesso em: 21 set. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2020. Livro eletrônico.

STACHELSKI, Alessandra. Clube de Literatura e Matemática como espaço de diálogo e

formação docente. 2023. 260f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Porto Alegre, 2023.

SILVA, F. C. C. da; CARVALHO, G. G. B. C. A narrativa de Clarice Lispector no coração selvagem do Brasil no Século XX: alguns aspectos sociopolíticos. **Fólio - Revista De Letras**. v. 12, n. 2, p. 109-126, 2021. ISSN 2176-4182. <https://doi.org/10.22481/folio.v12i2.7427>

---

## APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

### AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Estado do Rio Grande do Sul por intermédio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Edital 18/2020 - PDPG.

### FINANCIAMENTO

A pesquisa de mestrado foi realizada com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

### CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Resumo/Abstract/Resumen: Heckler Stachelski; Andréia Dalcin e Felipe Ramos (Humane Education)

Introdução: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Referencial teórico: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Análise de dados: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Discussão dos resultados: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Conclusão e considerações finais: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Referências: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

Revisão do manuscrito: Rafael Montoito

Aprovação da versão final publicada: Alessandra Heckler Stachelski; Andréia Dalcin

### CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Dados da pesquisa constam no artigo e na dissertação de mestrado do qual é produto.

### PREPRINT

Não publicado.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. A pesquisa pode ser encontrada pelo sistema de busca da Plataforma Brasil (<https://plataformabrasil.saude.gov.br/>). A numeração gerada para identificar o projeto de pesquisa é o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 58783322.7.0000.5347.

### COMO CITAR - ABNT

STACHELSKI, Alessandra Heckler; DALCIN, Andréia. Clube de literatura e matemática online: três crônicas de Clarice Lispector. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. Cuiabá, v. 11, n. 1, e23105, jan./dez., 2023. <https://doi.org/10.26571/reamec.v11i1.16749>

### COMO CITAR - APA

Stachelski, A. H. & Dalcin, A. (2023). Clube de literatura e matemática online: três crônicas de Clarice Lispector. *REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, 11(1), e23105. <https://doi.org/10.26571/reamec.v11i1.16749>

### LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



### DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### POLÍTICA DE RETRATAÇÃO - CROSSMARK/CROSSREF



Os autores e os editores assumem a responsabilidade e o compromisso com os termos da Política de Retratação da Revista REAMEC. Esta política é registrada na Crossref com o DOI: <https://doi.org/10.26571/reamec.retratacao>

### PUBLISHER

Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Publicação no [Portal de Periódicos UFMT](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

### EDITOR

Dailson Evangelista Costa  

### EDITORES CONVIDADOS

Andréia Dalcin  

Rafael Montoito  

### AVALIADORES

Adriel Gonçalves Oliveira  

Carlos Eduardo Mathias Motta  

### HISTÓRICO

Submetido: 10 de setembro de 2023.

Aprovado: 23 de novembro de 2023.

Publicado: 9 de dezembro de 2023.